



O “roteiro do linchamento” de Pablló Vittar: O discurso de ódio como forma de preservar identidades e valores tradicionais¹

Lívia Maria Dantas Pereira²

Universidade Federal da Paraíba

Resumo

O presente artigo traça o roteiro do linchamento virtual de Pablló Vittar a partir da sua apresentação no “Domingão do Faustão” ao receber o prêmio de Música do Ano pela canção “K.O.”. Surgida em meio a uma proliferação das tecnologias e mídias pós-massivas a artista supera seu “habitat natural” e invade a televisão e o rádio, expoentes máximos dos meios de comunicação de massa. Essa análise se volta para a performance drag em evidência nos meios de comunicação de massa, fazendo-nos questionar como uma prática artística marginalizada consegue superar a homofobia e transfobia intrínsecas no Brasil e desbravar o caminho do estrelato? E, principalmente, qual problema de gênero estaria provocando o corpo de Pablló Vittar? Na tentativa de compreender os sistemas que agem em reposta à queerização performativa das normas de gênero e sexualidade da drag queen e cantora, nos deparamos com a força da normatização que atrai o público para interpretações convencionais dos corpos e identidades.

Palavras-chave: Pablló Vittar; drag queen, linchamento virtual.

Sobre Pablló Vittar e drag queens em evidência

Phabullo Rodrigues da Silva, um garoto gay, afeminado, talvez ainda um pouco tímido, é Pablló Vittar, uma persona drag queen e um fenômeno da música pop nacional, com uma carreira internacional em ascensão. Pablló tem, hoje, duas músicas nos charts da revista Billboard americana e foi eleita, pelo o Spotify, a drag queen mais ouvida da plataforma, tendo superado há cerca de 10 meses a drag queen RuPaul³. Os números não assustam quem acompanhou a drag queen desde o lançamento do seu primeiro EP, intitulado “Open Bar”, com músicas-paródias de produções de artistas como Beyoncé, Rihanna e Ellie Goulding. O primeiro single do EP, “Open Bar”, uma paródia da canção “Lean On” (Major Lazer & DJ SNAKE ft. MØ), levou apenas um mês para atingir a marca de 1 milhão de visualizações no Youtube e hoje, 2 anos depois, contabiliza mais de 60 milhões Em

¹ Trabalho apresentado no 3º Encontro de GTs de Graduação - Comunicon, realizado no dia 10 de outubro de 2018.

² Graduada em Jornalismo pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). liviamariadp@gmail.com.

³ Pablló Vittar bate recorde no Spotify. Disponível em: <http://br.eonline.com/musica/pablló-vittar-bate-recorde-no-spotify/>.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

2017 Pablllo lançou o álbum “Vai Passar Mal”, sendo o pontapé para uma nova fase na carreira de uma drag queen que, até então, havia apenas lançado clipes para as canções do seu primeiro trabalho com a música.

“Vai Passar Mal” hitou e hoje tem pouco mais de 300 milhões de visualizações no clipe da música “K.O.”, além de 78 milhões de “plays” na mesma canção na plataforma Spotify. A música fica em segundo lugar entre as mais tocadas da artista, perdendo para “Sua Cara”, parceria com a cantora Anitta e o grupo norte-americano Major Lazer, que possui mais de 115 milhões de plays. Pablllo conquistou também o título de drag queen mais seguida no Instagram, desbancando RuPaul⁴, a drag mais midiática da atualidade em níveis internacionais, com 6.9 milhões de seguidores, contra 2 milhões da americana. A drag queen brasileira estrelou campanhas de publicidade para AVON⁵, Adidas⁶ e se tornou a vocalista oficial da banda do programa “Amor e Sexo”⁷, apresentado por Fernanda Lima na TV Globo. Pablllo Vittar enquanto persona drag queen se tornou o rosto de um movimento musical que traz para os palcos uma narrativa do sujeito marginalizado. Esse movimento da música brasileira vem sendo chamado popularmente como pop trans⁸ ou MPBTrans pelos veículos de comunicação que tentam levar ao público o significado desse momento ideológico pela qual a indústria fonográfica vivencia. Desta forma, durante o ano, Pablllo passou a ser ouvida e vista por um público que não era majoritariamente composto por seus fãs ou pessoas que naturalmente teriam acesso ao seu trabalho. A presença constante de Pablllo nos meios de comunicação durante 2017 criou um impasse para além do gramatical do “ele” ou “ela”.

Como objeto de estudo, Vittar oferece possibilidades para que possamos compreender práticas sociais e culturais da sociedade pós-moderna. Surgida em meio a uma proliferação das tecnologias e

⁴ Pablllo Vittar passa RuPaul, a drag queen mais famosa do mundo, em rede social. Disponível em: <<http://f5.folha.uol.com.br/voceviu/2017/06/pablllo-vittar-passa-rupaul-a-drag-queen-mais-famosa-do-mundo-em-rede-social.shtml>>.

⁵ Drag Queen Pablllo Vittar estrela campanha da Avon. Disponível em: <<http://emails.estadao.com.br/noticias/gente,drag-queen-pablllo-vittar-estrela-campanha-da-avon,10000028115>>.

⁶ Adidas Originals lança linha que celebra diversidade sexual. Disponível em: <<http://revistaglamour.globo.com/Moda/noticia/2016/05/adidas-originals-lanca-linha-que-celebra-diversidade-sexual.html>>.

⁷ Pablllo Vittar estreia como vocalista da banda do 'Amor & Sexo'. Disponível em: <<http://gshow.globo.com/TV-Integracao/Carona/Extras-Carona/noticia/2016/01/pablllo-vittar-estrela-como-vocalista-da-banda-do-amor-sexo.html>>.

⁸ A ascensão do pop trans de Pablllo Vittar. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/entretenimento/a-ascensao-do-pop-trans-de-pablllo-vittar/>>.



mídias com funções pós-massivas⁹, cria da internet e das redes sociais, a artista supera seu “habitat natural” e invade a televisão e o rádio, expoentes máximos dos meios de comunicação de massa.

Percebemos como o uso das novas tecnologias junto à expansão do sistema comunicacional têm sido ferramentas políticas de visibilidade para as identidades drags, que aos poucos saem dos guetos e começam a ser fazer parte da cultura do entretenimento e das representações sociais na mídia. Deixam de ser instrumentos só da comicidade e são valorizadas pelo seu lugar de destaque frente às novas relações de gênero e, portanto, ganham espaço no território do consumo midiático. (PEREIRA, 2016)

Entretanto, a drag queen é também um corpo duvidoso e diferente, cuja interpretação carece de um conjunto de normas e práticas próprias da cultura LGBTQIA. Ao “vazar” da segurança do conhecido no qual transitava, sob sua própria orientação, Pablllo entra em um território midiático ainda desconhecido no qual sua estética era, até poucos anos atrás, tratada como comédia e “aberração”¹⁰. A figura de Pablllo aparece na televisão e entra nas casas dos telespectadores tensionando a normatividade de gênero e sexualidade e todos os conceitos ditos inatos à sociedade. O discurso da drag perturba o conceito do gênero como natural a determinados corpos, ele subverte as marcas do corpo que designariam um gênero e/ou sexo e expõe a natureza cultural de ambos. Ao se apropriar dos códigos e marcas do que se parodia, a drag queen é “capaz de expô-los, de torná-los mais evidentes e assim, subvertê-los, criticá-los e desconstruí-los” (LOURO, 2013, p. 88). Ao voltarmos nossa análise para a performance drag em evidência nos meios de comunicação de massa, nos questionamos como uma prática artística marginalizada até mesmo nos âmbitos em que se origina consegue superar a homofobia e transfobia intrínsecas no Brasil¹¹ e desbravar o caminho do estrelato? Como um corpo subalterno adentra o *mainstream*? E, principalmente, qual problema de gênero estaria provocando o corpo de Pablllo Vittar?

⁹ Lemos (2007) conceitua as mídias de funções pós-massivas como mídias que “funcionam a partir de redes telemáticas em que qualquer um pode produzir informações em que qualquer um pode produzir informações, «liberando» o pólo da emissão, sem necessariamente haver empresas e conglomerados econômicos por trás.” Segundo o autor, por não funcionar em função de hits, mas sim por “nichos”, as mídias pós-massivas permitem que, diferentemente das massivas, o autor “não precise necessariamente passar para uma grande produtora de hits para viver de sua obra”, de forma que pode, em tese, “dominar todo o processo criativo”.

¹⁰ Referimos-nos aqui à presença da montagem de drag queens e transformismo nos programas humorísticos da televisão, como em “A Praça é Nossa”, da TV Globo, e nos populares concursos de transformistas exibidos no “Programa do Sílvio Santos”, na SBT. Em ambos os casos, a artista drag queen e a transformista eram colocadas no lugar do bizarro e inusitado, servindo como apoio para piadas e curiosidade tanto do público quanto dos apresentadores.

¹¹ Levantamento aponta recorde de mortes por homofobia no Brasil em 2017. **Agência Brasil**. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2018-01/levantamento-aponta-recorde-de-mortes-por-homofobia-no-brasil-em>>. Acesso em: 14 mar 2018.



Nas próximas páginas trazemos mais indícios do que respostas na tentativa de elucidar as questões colocadas acima através de um caminho metodológico que nos parece necessário ser pensado na atualidade. A partir da apresentação de Pablló Vittar no “Domingão do Faustão”, ocasião na qual ela recebeu o prêmio de “Música do Ano” pela canção “K.O.” tentamos traçar um roteiro (TAYLOR, 2013) do linchamento virtual (MACEDO, 2016) de Pablló Vittar que nos possibilitará estruturar a compreensão dos sistemas que agem em resposta à *queerização* performativa das normas de gênero e sexualidade da cantora e revelam a força da normatização que atrai o público para interpretações convencionais dos corpos e identidades. Este artigo pretende, assim, visualizar o roteiro como um paradigma “para a construção de sentidos que estruturam os ambientes sociais, comportamentos e consequências potenciais” (TAYLOR, 2013, p. 60).

Sobre performances, roteiros e “arquivos de ódio”

A partir da apresentação de Pablló Vittar no “Domingão do Faustão” citada acima me debruço nas ideias sobre performance e roteiros que aparecem nas pesquisas de Taylor (2013) para analisar como é encenado a linchamento virtual de Pablló Vittar. O conceito de performance de Taylor baseia-se na ideia de “visibilidade e invisibilidade”, naquilo que é dito entrelinhas e que age politicamente excedendo o ‘ao vivo’. Para a autora a performance torna visíveis conflitos que sempre existiram, “mas que de outro modo ficariam difusos” (ibidem, p. 206). Os roteiros expostos pelas performances são, desta forma, “imaginários específicos culturalmente – conjuntos de possibilidades, maneiras de conceber o conflito, a crise ou a resolução” (ibidem, p. 41), ou seja: narrativas pré-existentes que são ativadas em menor ou maior grau diante de “eventos performativos”.

Durante sua análise das performances envolvidas na morte da Princesa Diana, Taylor aponta para a personagem central como um “rosto universal para o globalismo desencorpado” e um fetiche. Ao ficcionalizar o luto, Taylor chama atenção para os “arquivos de tristeza” que foram baixados em todo o mundo, questionando que políticas estavam intrínsecas nessa dor comunitária. Em distintas partes do mundo, e principalmente em bairros do “gueto” de grandes cidades, a autora aponta a existência de “murais” com homenagens à Diana e questiona os mecanismos pelos quais “a popularidade de Diana passou a ser interpretada como o ‘o popular?’” (ibidem, p. 198) A explicação está no roteiro acionado diante da morte da princesa, uma narrativa que em algum grau já era conhecida: uma mulher jovem e bela, divorciada do príncipe com quem era casada, mas infeliz, que



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

após algum tempo encontrou um novo amante que a fazia feliz, mas que teve sua trajetória tragicamente interrompida pela morte.

Taylor nos dá aporte para entender o sucesso de Pablllo, mais de 20 anos depois: “Seu sucesso que se origina tanto da facilidade com que as ansiedades e os medos são deslocados para ela quanto do processo de recusa da realidade por meio da qual o público poder admirar a imagem” (ibidem, p. 223). Pablllo performa no programa como uma artista em ascensão, mas também como a materialização de imaginários e dramas sociais que são encenados para além do palco. Na nossa análise Pablllo em sua visibilidade midiática se torna o “rosto” de uma causa e um fetiche tanto psicanalítico quanto mercadológico. Ao transpor a análise de Taylor para nosso objeto tratamos a apresentação de Pablllo no “Faustão” como o início da narrativa do linchamento, a fissura que irrompe uma configuração homogênea, que passa por uma crise em que essa ruptura é ampliada e, aos olhos do público em análise, carece de ação de reparação.

Enquanto que na morte de Diana foram baixados “arquivos de tristeza” como dispositivos que agenciam o comportamento do público diante da morte, trabalhamos aqui com a noção de “arquivos de ódio” acionados pela apresentação e representação do que corporifica Pablllo Vittar. A aparição da artista na televisão e as entrelinhas que excedem o momento do ao vivo acionam esses arquivos em parte do público e a forma como são baixados nas redes e seção de comentários em portais de notícias refletem “o poder da comunidade local para compor os termos do debate” (TAYLOR, 2013, 225). Esses arquivos que nos referimos aqui são parte de uma história de crimes e linchamentos contra a população LGBT no Brasil, considerado pela ILGA (Associação Internacional de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros e Intersexuais) o país que mais mata LGBTs nas Américas¹², com 340 homicídios motivados por homofobia em 2016 e mais da metade dos números oficiais dos homicídios cometidos contra travestis e transexuais.

“K.O.”: o roteiro do linchamento de Pablllo Vittar

Em dezembro de 2017 Pablllo recebeu o título de “Música do Ano” pelo single “K.O.” na premiação anual do “Domingão do Faustão” que elege os destaques artísticos da Rede Globo. Antes de receber o troféu, a drag queen performou no palco do programa dominical a canção com direito a

¹² Brasil patina no combate à homofobia e vira líder em assassinatos de LGTBs. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/05/1884666-brasil-patina-no-combate-a-homofobia-e-vira-lider-em-assassinatos-de-lgbts.shtml>>. Acesso em 26 mar. 2018.



dançarinos e um ringue de boxe que emulava a estética do videoclipe da música¹³. A apresentação já começou com gafes cometidas pelo apresentador, que chamou a cantora como “Pablllo Villar” em duas ocasiões, mas o que mais chamou atenção do público que acompanhava o programa e comentava nas redes sociais foi a técnica vocal de Pablllo.



Fig. 1. Pablo Vittar durante apresentação no “Domingão do Faustão”. (Reprodução/TV Globo)

Criticada por sua voz fina, Pablo teve visíveis dificuldades para sustentar as notas altas da música e desafinou durante a apresentação, chegando ao ponto de cantar apenas parte dos versos e “entregar o microfone” para a plateia. A apresentação causou reações adversas entre o público, porém observamos que este parece se utilizar dos evidentes erros e falhas técnicas da cantora para atacar a legitimidade do prêmio e de sua presença nos palcos enquanto cantora.

O corpus dessa análise se constituiu por meio dos comentários feitos em 11 matérias¹⁴ divulgadas no site G1, vinculado à Rede Globo, após a apresentação da drag queen na televisão:

¹³ A apresentação pode ser vista aqui: <https://globoplay.globo.com/v/6347885/>. Acesso em 26 mar. 2018.

¹⁴ Disponíveis em: <https://g1.globo.com/pop-arte/musica/noticia/pablllo-vittar-e-ana-vilela-fazem-festa-entre-amigos-apos-melhores-do-ano.ghtml> / <https://g1.globo.com/pop-arte/musica/noticia/falcao-critica-pablllo-vittar-critura-canta-mais-ruim-do-que-eu.ghtml> / <https://g1.globo.com/pop-arte/musica/noticia/ed-motta-elogia-voz-de-pablllo-vittar-chorei-de-verdade-porque-nao-imaginava-essa-musicalidade-timbre-lindo.ghtml> / <https://g1.globo.com/pop-arte/musica/noticia/lucas-lucco-lanca-paraíso-musica-em-parceria-com-pablllo-vittar.ghtml> / <https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/sucesso-de-pablllo-vittar-nas-plataformas-de-streaming-vira-tema-de-tcc-na-pb.ghtml> / <https://g1.globo.com/pop-arte/musica/noticia/efeito-pablllo-vittar-apos-estouro-da-cantora-veja-10-artistas-drags-trans-e-travestis-que-sao-apostas-para-2018.ghtml> / <http://g1.globo.com/fantastico/shows-e-musicais/noticia/2018/01/lucas-lucco-e-pablllo-vittar-lancam-paraíso-no-palco-do-fantastico.html> / <https://g1.globo.com/pop-arte/musica/noticia/pablllo-vittar-e-diplo-se-beijam-no-clipe-de-entao-vai-assista.ghtml> / <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/carnaval/2018/noticia/pablllo-vittar-desfila-como-destaque-na-beija-flor.ghtml>.



COMUNICON2018

congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

[REDACTED]
HÁ 4 MESES
Pois é... Não há esperança... Se minha geração que cresceu ouvindo músicas que tinha conteúdo como "Que país é esse?", "Inútil", "Comida" e tantas outras.. Imagina essa geração "futuro" com isso que tem hoje?
👍 24 🗨️ 0

[REDACTED]
HÁ 3 MESES
gosto musical do brasileiro nem é questionável, com esse homem que pensa que é mulher vencendo
👍 61 🗨️ 10

[REDACTED]
HÁ 3 MESES
Essa e a degradação do Brasil em todas as áreas
👍 44 🗨️ 6

[REDACTED]
HÁ 9 DIAS
Só publicam o que lhes convém? São os responsáveis pela degradação da juventude deste País. Terá até "pedofilia" em novelas !?!?!?
👍 10 🗨️ 4

[REDACTED]
HÁ 9 DIAS
Não é homem. Não é mulher. Portanto é ... Esse "ser" realiza consultas médicas com Ginecologista ou Urologista ? Esse ser ainda possui próstata ?
👍 20 🗨️ 4

[REDACTED]
HÁ 9 DIAS
A. Este artigo bizarro deveria estar na coluna *A.ber.ra.ções. da natureza, tudo menos música. B. Boicote o grupo globo, cuja agenda é um atentado à família tradicional, princípios e valores Cristãos. Parem de assistir imediatamente.
👍 14 🗨️ 2

[REDACTED]
HÁ 15 DIAS
Eu vi isso mesmo? Pablo Vittar feminino?
👍 12 🗨️ 6

[REDACTED]
HÁ 15 DIAS
Essas aberrações da redação... cada dia inventa uma coisa nova pra tentar fazer as pessoas acreditarem que esse doente é normal...
👍 12 🗨️ 13

[REDACTED]
HÁ 3 MESES
CantOr, G1. Enfia essa bosta de ideologia de gênero naquele lugar.
👍 34 🗨️ 10

[REDACTED]
HÁ 14 DIAS
Pablo.....artista feminina???????????? tá louco...qual o sexo da certidão de nascimento da menina Pablo?
👍 6 🗨️ 18

[REDACTED]
HÁ 4 MESES
A que ponto se chega.... a música nacional que outrora respirava com ajuda de aparelhos, hoje definha, vive, mas em estado vegetativo.
👍 30 🗨️ 0

[REDACTED]
HÁ 3 MESES
KO é essa premiação ridícula. KO é esse "cantor" fake. O nome correto da música é KOKÔ. É o retrato da falência da cultura imposta pela globo.
👍 100 🗨️ 22

[REDACTED]
HÁ 3 MESES
Pablo Vomitar é pra acabar o pequi do Goiás mesmo. Melhor do ano é aquela professora que perdeu a vida salvando os alunos no colégio em chamas. Inversão de valores.
👍 206 🗨️ 15

[REDACTED]
HÁ 3 MESES
O lobby LGBT é muito forte, conseguem até emplacar um cantor ridículo como esse tal de Pablo
👍 6 🗨️ 1

[REDACTED]
HÁ 2 MESES
Essas aberrações querem acabar com a moral e bons costumes.
👍 37 🗨️ 53

[REDACTED]
HÁ 3 MESES
Esses repórteres do G1 são tão analfabetos que continuam chamando Pablo (nome de gênero masculino) de "cantora" e "ela", sem atentar para a concordância nominal, que exige que o pronome e o adjetivo tenham o mesmo gênero e número do nome ao qual se referem. Se é O Palbo, é O cantor, ELE, tudo no gênero masculino, não importa qual o sexo da criatura. Por exemplo, onça é do gênero feminino, não interessa se o exemplar é macho ou fêmea (sexo). Gênero é da palavra, sexo é do animal (e as pessoas são animais também). Gente tem sexo, palavras têm gênero. Idiotas.
👍 73 🗨️ 8

[REDACTED]
HÁ 3 MESES
G1 e Globo sempre chama V I A D A G E M de diversidade.
👍 73 🗨️ 14

[REDACTED]
HÁ UM MÊS
Duas aberrações que não fariam falta nenhuma no mundo.

[REDACTED]
HÁ UM MÊS
Se homossexualismo fosse normal, Deus tinha criado Adão e Ivo.

Fig. 2. Comentários sobre a deturpação dos costumes na mídia pela comunidade LGBTQIA. (Reprodução/G1)

[/ https://g1.globo.com/pop-arte/musica/noticia/pablo-vittar-anitta-e-marilia-mendonca-lideram-entre-mulheres-mais-ouvidas-no-streaming-diz-spotify.ghtml](https://g1.globo.com/pop-arte/musica/noticia/pablo-vittar-anitta-e-marilia-mendonca-lideram-entre-mulheres-mais-ouvidas-no-streaming-diz-spotify.ghtml) / <https://g1.globo.com/pop-arte/musica/noticia/pablo-vittar-vai-ganhar-programa-no-multishow-em-que-conta-sua-trajetoria.ghtml>.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

O público aqui aciona uma noção de “cantor de verdade” sempre comparando Pablllo Vittar aos nomes da música popular brasileira do passado e apontando para uma suposta “degradação do gosto e cultura do brasileiro”. No dia seguinte à exibição da premiação o crítico de entretenimento do site UOL, Chico Barney, saiu em defesa da apresentação “ao vivo” de Pablllo no texto “Quem não gosta de "K.O.", de Pablllo Vittar, é porque não entendeu”, argumentando contra os críticos de Pablllo Vittar que apontam a “falta de voz para o ao vivo” como um fator decisivo para o artista ser considerado ou não um “cantor”:

É uma pena que esse tipo de situação tire a atenção para outras questões mais relevantes: “K.O.” é, sim, a grande música do ano, conectando as origens dos ritmos nordestinos com um futuro que já aconteceu. E ninguém precisa mandar bem ao vivo para ser uma grande artista. O artifício do playback surge como irremediável solução a curto e médio prazo, enquanto a cantora continua exercitando variadas modulações da própria voz. O legado de "K.O.", e da própria importância de Pablllo como figura pública tão representativa e bem-sucedida, não podem ser obliterados por detalhes técnicos tão pedestres. (BARNEY, 2017)

Outro viés dessa análise se dá também através da percepção da homofobia no discurso dos internautas. A presença da drag queen e cantora no palco de um programa “familiar” é também um autorretrato do ano que passou, como ela mesma fez questão de ressaltar em seu discurso ao receber o troféu: “O ano de 2017 foi nosso, eu quero deixar isso bem claro aqui no Domingão. Foi o ano do LGBTQ, que firmou nossa voz, mostrou para o que veio”. Essa colocação parece inflamar a audiência que munida pelo apelo dos “bons costumes cristãos” passa a reproduzir um discurso de ódio¹⁵ com a ajuda da tecnologia. Para Macedo (2016, p. 27)

A intolerância é o desrespeito à diversidade e um dos principais fomentos do discurso do ódio (SANTOS & CUNHA, 2014), o qual ganhou terreno fértil no contexto da Internet, provavelmente pelos fatores: rapidez, possibilidade de anonimato e alcance global. Não há nenhuma preocupação com o efeito que palavras duras ditas em redes sociais possa magoar, entristecer ou arruinar a vida de alguém; pelo contrário, parece ser esse mesmo o objetivo (BRUM, 2015).

Partimos então desta configuração para teorizar sobre uma violência simbólica que provoca um linchamento *virtual* do sujeito. A violência simbólica como sendo “aquela que advém da linguagem e será responsável pela formação de um discurso de incitação à violência e dele se extraindo uma ideologia” (SANTOS e CUNHA, 2014, p. 11) é então resultado de uma imposição

¹⁵Brugger (2007, apud. SANTOS e CUNHA, 2014) define discurso de ódio como “palavras que tendam a insultar, intimidar ou assediar pessoas em virtude de sua raça, cor, etnicidade, nacionalidade, sexo ou religião ou que tem capacidade de instigar a violência, ódio ou discriminação contra tais pessoas”.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

ideológica por meio do discurso e do poder simbólico (BORDIEU, 1989, *apud* SANTOS e CUNHA, 2014).

Não é, entretanto, objetivo deste trabalho banalizar o conceito do linchamento. O termo não é aqui utilizado levemente, mas porque se adequa ao caso em estudo por suas implicações de justiça popular, denúncia e, a partir de uma perspectiva sociológica, com a “manutenção da ordem social”. Utilizar o termo “linchamento virtual” nos possibilita apontar similitudes entre o ato físico de linchar, mas também ressaltar as diferenças. A violência e ira expressadas nos comentários acerca do nosso objeto demonstra um desejo de punição que começa no virtual, mas não se limita a ele¹⁶.

Através da observação e leitura dos comentários foi possível perceber que as performances dos atores deste roteiro se dão essencialmente mediante dois discursos: 1) aquele que rejeita a figura de Pablllo e que em seguida justifica-se como alguém sem preconceitos em relação à sexualidade, mas que preferia uma época de “cantores de verdade”; e 2) aquele que não faz questão de esconder o discurso de ódio utilizando palavras como “gay”, “bicha” e “travesti” embasado em certos “costumes tradicionais”, utilizados como uma norma para o comportamento humano.

Seguindo o modelo de roteiro proposto por Taylor (2013, p. 199-200), podemos identificar na performance do roteiro do linchamento virtual de Pablllo Vittar os quatro elementos-chave do drama social: 1) a fissura ou ruptura social; 2) a crise, o momento em que a fissura se amplia; 3) a ação de reparação; 4) o reordenamento das normas sociais.

A *fissura* do roteiro se dá durante a apresentação de Pablllo no “Domingão do Faustão”. A presença da drag queen no palco do programa representa uma quebra na “normalidade”, do esperado pelo público. É inusitado porque causa um desconforto por sabermos que não se trata de uma cantora, uma mulher, mas de uma encenação do feminino. O público se sente traído – como se a drag queen estivesse ali para lhes enganar. O drama é acentuado pelas falhas na apresentação e do próprio apresentador, que erra o nome de Pablllo ao anuncia-la. O público sente-se atacado pela totalidade do que representa Pablllo Vittar e pergunta-se como uma figura que até então só havia sido colocada na televisão no lugar de comédia, ganhava um prêmio e reconhecimento como uma “cantora”.

¹⁶ Vereador acredita em boato, ameaça prender Pablllo Vittar e gera revolta. **O Globo**. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/vereador-acredita-em-boato-ameaca-prender-pablllo-vittar-gera-revolta-21960854>>. Acesso em 26 mar. 2018.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Movidos pelos sentimentos causados pela apresentação, instala-se uma *crise* no imaginário do público. No ambiente virtual a apresentação excede o momento que ocorre e se repete por meio do material arquivado dessa performance, dando tempo para que imaginários coletivos sejam acionados com ainda mais força pelo público. É neste momento que é pensado nos outros cantores que também concorriam ao prêmio dado à Pablla e é colocada em análise a legitimidade da artista. O público se pergunta: como ousa uma “mulher falsa” fazer sucesso e passar à frente de outros artistas? No virtual os espectadores encontram espaço para vociferar suas opiniões sobre Pablla. *Ações de reparação* são necessárias e neste ambiente do virtual a existência de Pablla é colocada analisada minuciosamente. Todos os passos que a artista dá após sua presença no programa dominical são esmiuçados e alvo de um discurso conservador. Ser um homem e vestir-se “de mulher” é transgredir normas e, assim como todo crime, carece de punição. O senso de justiça é trazido à tona pelos usuários das redes sociais e comentaristas dos portais de notícias. Aparecem aqui ações contra marcas que se associam ao infrator, como a Coca-Cola, que estampou Pablla Vittar em suas latinhas como parte de uma ação promocional de fim de ano¹⁷.



Fig. 3. Comerciante em Brasília raspa a figura de Pablla Vittar de latinhas de Coca-Cola. (Reprodução/Facebook)

A quarta e última fase do roteiro, a de *reintegração e reordenamento das normas sociais*, acontece em diversos pequenos dramas, mas principalmente pelo clamor do público pela volta de simbologias do tradicional por meio de figuras políticas que invocam um discurso conservador. Esta é uma fase que não podemos dar por finalizada, pois podemos ainda observar esse apelo do povo pela restauração dos valores de um passado ideológico que é considerado melhor e incorruptível pelo que representa Pablla Vittar.

¹⁷ Pablla Vittar estampa rótulo da Coca-Cola “bem na sua cara”. **EXAME**. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/marketing/pablla-vittar-estampa-rotulo-da-coca-bem-na-sua-cara/>>. Acesso em 28 mar. 2018.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Conclusão: qual a performance do “linchamento” e o que isso tem a ver com machismo, homofobia e transfobia?

Entender essa narrativa que se dá início na aparição da cantora e drag queen Pabllo Vittar em um programa televisivo como um roteiro, ou seja, ficcionalizar os eventos, nos permite reconhecer as políticas e sistemas estão em jogo e impede que “o povo” se torne apenas consumidor, mas construtores de uma narrativa. Se segundo Taylor, a Princesa Diana “mudou a maneira de se ver a realeza”, pode-se dizer que a visibilidade de Pabllo Vittar *está mudando* a maneira de se enxergar a diversidade de gêneros e sexualidade. Ao trazer um “feminino fabricado” para os palcos dos programas mais populares da televisão brasileira, Pabllo está cumprindo a função primordial da montagem drag queen de denúncia da artificialidade do “gênero primeiro”, como se refere Butler (2016). Enquanto não nos cabe nesta investigação mapear quais são os femininos que são incorporados ou quais os comprometimentos feitos neste caminho para o *mainstream* de uma arte essencialmente de nicho, é importante ressaltar que Pabllo é lida como uma aberração pelo público porque é desprezível para estas pessoas a noção de um homem querer por livre e espontânea vontade ser associado com elementos que remetem ao feminino.

Historicamente, as categorias homem e mulher foram forjadas a partir de uma noção naturalista dos comportamentos humanos. Para quem pensa a existência de certos comportamentos inatos aos sexos/gêneros os limites estão bem definidos e transpor essas fronteiras se torna uma transgressão da mortal e de costumes. Pereira (2016, p. 2) aponta que “historicamente a sexualidade foi sempre alvo de constante vigilância e repressão quando expressada de forma desviante às normas sociais”, porém essas normas regulatórias nem sempre agem de forma física, fazendo com que o sujeito se torne “vigilante de suas próprias atitudes”. Inserimos neste contexto os comentários sobre Pabllo como uma dessas formas de apontar, punir e adequar os corpos transgressores.

Voltamos a fazer um paralelo com a análise das performances da morte da Princesa Diana e apontamos que, enquanto naquele episódio os “arquivos de tristeza” foram baixados nos muros das grandes cidades, os “arquivos de ódio” para Pabllo são baixados em “muros virtuais” que fazem parte do nosso cotidiano midiático, tornando a seção de comentários do portal de notícias um grande espaço de ódio comunitário. E quem olha de maneira unidimensional os eventos que se desenrolam envolvendo Pabllo Vittar como puramente algo que tem a ver com legitimidade musical ousa perder



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

o atravessamento de um “problema de gênero” que perpassa em todas as instâncias o objeto em questão. Este é um “problema de gênero”, afinal, muito antes do que um “problema técnico”.

Referências

BORDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BARNEY, C. Quem não gosta de "K.O.", de Pablo Vittar, é porque não entendeu. **UOL Entretenimento**. 2017. Disponível em: < <https://entretenimento.uol.com.br/colunas/chico-barney/2017/12/11/quem-nao-gosta-de-ko-de-pablo-vittar-e-porque-nao-entendeu.htm>>. Acesso em 10 mar. 2018.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

BRUGGER, W. Proibição e proteção do discurso do ódio? Algumas observações sobre o direito alemão e o americano. **Revista de Direito Público** 15/117. Brasília: Instituto Brasiliense de Direito Público, ano 4, jan-mar. 2007.

MACEDO, K. T. M. **Linchamentos virtuais: paradoxos nas relações sociais contemporâneas**. Dissertação (Dissertação) - Faculdade de Ciências Aplicadas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas. 2017.

LOPES, D. Terceiro manifesto Camp. In: _____. **O homem que amava rapazes**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002, pp. 89-120.

LOURO, G. L. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

LEMOS, A. Cidade e mobilidade. Telefones celulares, funções pós-massivas e territórios informacionais. **Matrizes**, São Paulo, v. 1, n. 1, out. 2007. p. 121-137. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/38180/40911>>. Acesso em 21 mar. 2018.

PEREIRA, L. **Sharon Needles como tensionamento disciplinar: Uma análise de RuPaul's Drag Race a partir da ótica de Michel Foucault**. 39º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. São Paulo, 2016. Disponível em: < <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-0011-1.pdf>>. Acesso em 24 mar. 2018.

POSTINGUEL, D.; ROCHA, R. M. **K.O.: O nocaute remix da drag Pablo Vittar**. 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. São Paulo, 2017. Disponível em: < <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-2955-1.pdf>>. Acesso em 15 mar. 2018.

SANTOS, M. A. M.; CUNHA, R. S. **Violência Simbólica nas Redes Sociais: Incitação à Violência Coletiva (Linchamento)**. VII Congresso Brasileiro da Sociedade da Informação Regulação da Mídia na Sociedade da Informação. São Paulo, 2014. Disponível em: < <http://www.revistaseletronicas.fmu.br/index.php/CBSI/article/view/526>>. Acesso em 22 mar. 2018.

TAYLOR, D. **O arquivo e o repertório: Performance e memória cultural nas Américas**. Belo Horizonte: UFMG, 2013.